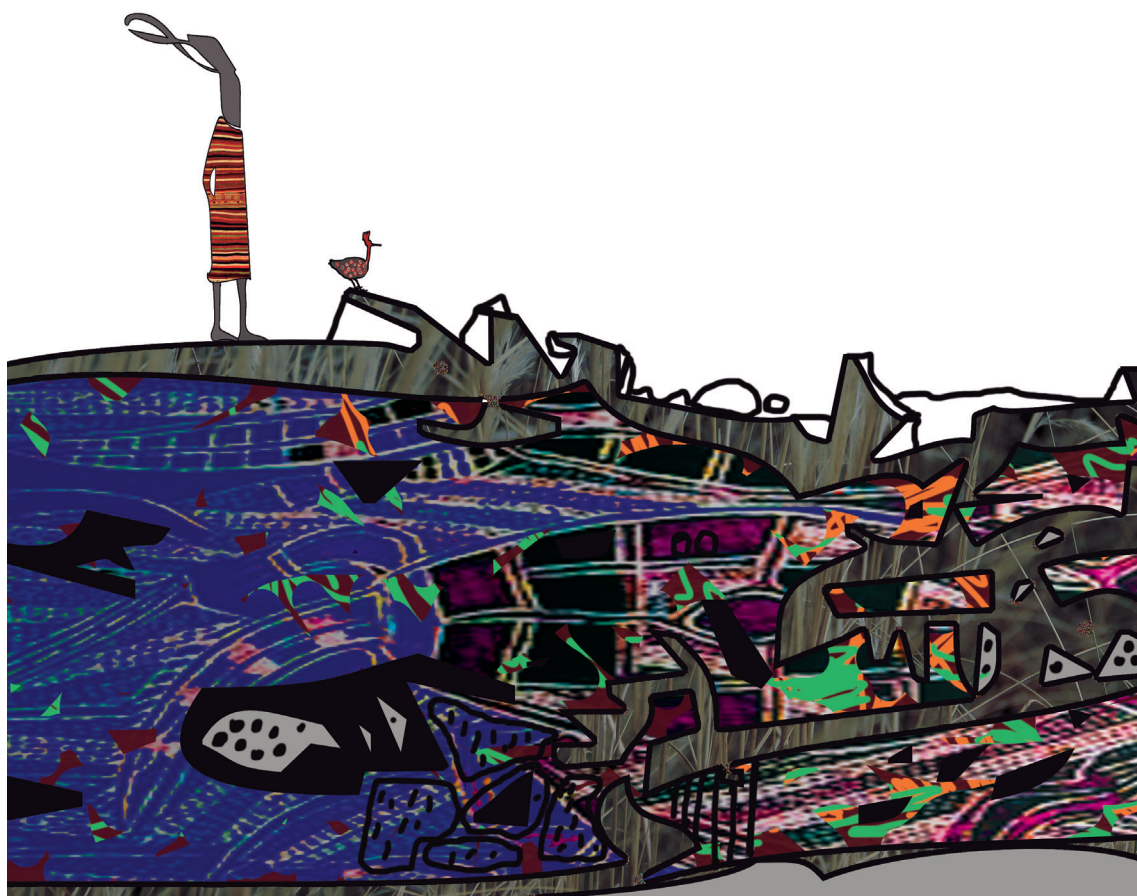


— CONEXÃO —

FEAL 

#32

Dezembro 2023



REFLEXÕES SOBRE A PAZ

Equipe editorial

Adriana Pontelli

Diretora de Publicações da FEPAL
Psicanalista da Asociación Psicoanalítica de Córdoba (APC)

Alicia Ángeles Ramírez

Analista em formação da Sociedad Peruana de Psicanálise (SPP)

Ana Valeska Maia Magalhães

Analista em formação da Sociedade Psicoanalítica de Fortaleza (SPFOR)

Carolina García

Editor-chefe da Caliban
Psicanalista da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU)

Lúcia Palazzo

Diretora Suplente de Publicações da FEPAL
Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Marina Massi

Coordenadora Científica da FEPAL
Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Natalia Mudarra

Psicanalista da Asociación Panameña de Psicoanálisis (APAP)

Ximena Méndez

Analista em formação da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU)

Walter Lisboa

Tradutor

Leo Mangiavacchi

Disigner gráfico / Diagramador

Imagem da capa

Los Gigantes (2019) desenho em formato digital, com cor, textura e forma em tablet digital. Autor: Luis Gómez. Mestre em Artes Plásticas. Professor de Desenho e Pintura. Professor de Desenho e Escultura.

Editorial

Este número vem à luz entre um ano que expira e um novo tempo que está surgindo. As complexidades de uma época convulsionada pela violência de vários tipos nos tocam e passam por nós de diferentes maneiras; e é por isso que, no contexto em que vivemos, escolhemos o título *Reflexões sobre a paz* para esta edição, de acordo com o último manifesto que o Conselho Diretor e os Presidentes das Sociedades e Associações da FEPAL publicaram em 9 de outubro deste ano, por ocasião dos ataques terroristas do Hamas. No último parágrafo dessa declaração, dois significados foram destacados em letras maiúsculas:

Manifestamo-nos em defesa da PAZ [sic], da democracia, da soberania dos povos, do respeito às diferenças e em repúdio aos discursos de ódio que abrem caminho para atos terroristas, para a guerra e para a barbárie que vão contra a dignidade da pessoa humana.

A ética psicanalítica nos convoca ao radical reconhecimento da alteridade e aos laços que promovam a VIDA [sic].

Há 90 anos, por iniciativa do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, foi publicada uma troca epistolar entre Einstein e Freud intitulada *Por que a guerra?* O renomado físico propôs não apenas o assunto, mas também seu interlocutor, na esperança de que Freud, que tinha conhecimento sobre a vida pulsional do homem, pudesse lançar luz sobre o problema da devastação da guerra. E embora Freud não fosse otimista, em sua carta ele deixou duas pistas possíveis para o transbordamento da pulsão destrutiva: "Tudo o que estabelece laços de sentimento entre os homens não pode deixar de ter um efeito contrário à guerra".¹, e "tudo o que promove o desenvolvimento da cultura também trabalha contra a guerra".² Nesse sentido, por meio desta convocação para escrever sobre a paz, desejamos, por um lado, promover laços por meio da circulação de ideias heterogêneas de

¹ Cfr. Freud S. (1933/1993). "¿Por qué la guerra?" En S. Freud, Obras Completas Vol. XXII (págs. 179 - 198). Buenos Aires: Amorrortu. p. 195

² *Ibíd.* p. 198.

diferentes autores latino-americanos e, por outro lado, incentivar os psicanalistas a fazer uma contribuição à cultura que ajude a interrogar os acontecimentos atuais.

Na capa, apresentamos a obra *Los Gigantes*, de Luis Gómez, artista de Córdoba. Convidamos Luis para este número por causa de sua arte testemunhal, envolvida há muitos anos na defesa da Memória e dos Direitos Humanos. Quando lhe contamos sobre o tema deste projeto editorial, ele nos ofereceu uma série de desenhos, produzidos entre 2019 e 2022 em formato digital (alguns deles com fotografias). O artista nos disse que nessa série aparece um personagem do povo originário Comechingón³ percorrendo o caminho do Qhapq Ñan, e percebendo em seu itinerário a destruição de muitas culturas. Achamos muito interessante a menção a essa extensa senda pré-hispânica, usada pelos incas como meio de comunicação, intercâmbio e integração cultural. Essa rota ancestral, com 30.000 quilômetros de extensão, atravessa vários países da América Latina. Por isso, achamos muito apropriado propor que, nesta edição especial, a seção **Interseções** seja uma galeria de obras que o leitor possa percorrer.

Como antecipamos, na seção **Perspectivas**, nove textos de autores latino-americanos teceram inadvertidamente - com fios de diferentes cores e texturas - uma trama de reflexões sobre a paz.

Abrimos esta seção com *O mal-estar na civilização, o crescimento emocional e o fanatismo*, um trabalho de Sérgio Lewkowicz, que sugere "pensar um processo de paz em termos de amadurecimento emocional que permita um verdadeiro sentimento de responsabilidade e empatia, tanto no sentido individual como no contexto social". A essa perspectiva, soma-se a de Bernardo Tanis, desenvolvida em *E a paz, José...* Lá, o autor toma o narcisismo e as questões de identidade como um vetor de análise e propõe como forma de abordá-las "um permanente trabalho de colocar em questão perspectivas narcísicas, fundamentalistas, essencialistas, à busca de renúncias, acordos e construções coletivas (...) [respeitando] minimamente a tensão constitutiva, jamais eliminável, entre o eu e o outro". É imprescindível pensar o subjetivo em articulação com o social. "A psicanálise, se pretende sustentar sua operação de escuta, deve ser capaz de fazer uma leitura trans-versa do mal-estar no laço social, com seus sintomas, seus silêncios e sua violência.",

³ Os Comechingones eram habitantes das serras de Córdoba, Argentina.

Carolina García Maggi destaca em seu ensaio *Lógicas do silêncio e do esquecimento. Recortes para angústias em tempos de guerra*.

Mariano Horenstein comenta: "A palavra paz me soa demasiado próxima a um terreno – o das boas intenções – do qual, como psicanalista, desconfio." Seu artigo *Pax freudiana* recupera o valor que Freud deu ao conflito, destacando que "Na psicanálise, o conflito não é uma anomalia ou algo a ser domado ou reduzido, mas, em qualquer caso, algo que deve ser trabalhado." No entanto, as transbordamentos de conflitos, como os que estão ocorrendo no Oriente Médio, podem levar a eventos brutais, provocando reações igualmente cruéis. Alberto Cabral em seu trabalho *Vingança e desumanização do adversário: via regia à barbarie* nos adverte sobre o "perigo de colocar os autores dos crimes que condenamos fora do vínculo humano". E propõe "reconhecer no adversário um oponente igualmente humano, com o qual será preciso encontrar as formas mais razoáveis de resolver conflitos." *Paz entre Israel e Palestina?* Para Andrés Gautier Hirsch, essa é uma tarefa titânica, já que uma paz digna só pode ser o resultado de uma coexistência leal, nascida do reconhecimento e do respeito pelo direito de um povo de existir, em sua alteridade radical.

A *paz é perigosa*, afirma Thércio Andreatta Brasil de forma provocativa no título de sua obra. E ele dobra a aposta ao comentar que "melhor seria promovermos o ideal da guerra". No entanto, a contundência dessa frase encontra outros matizes, quando o autor aponta a importância de sustentar a guerra no plano simbólico das palavras e das ideias, em vez de "ceder ao conforto inerme de uma falsa estabilidade pacífica." Em contrapartida, a abordagem de Iván Gutiérrez em seu texto *Reflexões em busca de uma Paz* atual enfatiza a necessidade de se afastar das fixações em polaridades dicotômicas, buscando como alternativa o recurso da terceiridade.

Finalizamos essa seção com o artigo de Fernando Orduz, *Faça amor, não a guerra*, em que várias perspectivas são condensadas. Uma delas está ligada à possibilidade de reavivar o erotismo como uma forma de impedir a estupidéz da guerra, mas mesmo assim, uma erótica paz (...) paulatinamente morrerá nos braços de Tânatos."

Ximena Méndez, para a seção **Conversações**, convidou uma de nossas principais figuras da psicanálise latino-americana, Marcelo Viñar, para falar sobre a paz. Recomendamos que você veja a entrevista e ouça as reflexões dele, que são sempre muito relevantes.

Na seção **Marcadores de Calibán**, Silvana Rea faz, inicialmente, uma breve abordagem da obra freudiana em um percurso marcado pela pergunta: "qual seria a perspectiva de uma paz duradoura para a humanidade?", e depois nos convida a percorrer um itinerário de artigos sobre o tema, publicados em nossa Revista Latinoamericana de Psicoanálisis.

Esperamos que receba esta edição da Conexão FEPAL como um gesto de esperança e boas-vindas ao novo ano, convencidos da importância de sustentar, cada vez mais, espaços de construção coletiva que consolidem os laços sociais.

Adriana Pontelli



Perspectivas

O mal-estar na civilização, o crescimento emocional e o fanatismo

Por *Sérgio Lewkowicz**

O clássico estudo de Sigmund Freud: *O mal-estar na civilização* (1930) completou 93 anos de sua publicação e o texto mostra toda a sua força e atualidade. Este trabalho de Freud desenvolve muitas ideias que ele já havia formulado anteriormente, como em 1895, quando dizia que o objetivo da psicanálise seria transformar a miséria neurótica em sofrimento comum. Na mesma linha, em *O mal-estar na civilização*, considera ele que as tentativas de compensar a renúncia imposta às pulsões pela civilização –com o trabalho, sublimação, amor, fruição estética, substâncias tóxicas e a religião– estão sempre fadadas a um insucesso. Assim, a eterna busca pela felicidade tem que ser confrontada com a realidade de que aquela é sempre incompleta, provisória e até ilusória.

Com os avanços no conhecimento psicanalítico pós-freudiano, particularmente com as contribuições de Melanie Klein, Bion e Winnicott foi-se compreendendo melhor o funcionamento da mente humana e aprendendo como se processa o amadurecimento do indivíduo. Na verdade sabemos hoje que a maturidade individual e o processo de civilização são sempre provisórios, instáveis, turbulentos, com progressões e regressões ocorrendo ao mesmo tempo (Morin, 1981, Green, 2002).

O amadurecimento emocional é um processo que envolve um grau importante de sofrimento psíquico. Para podermos desenvolver a nossa *capacidade de pensar*, decisiva para nosso crescimento mental, necessitamos de certo grau de tolerância às frustrações. Com o pensamento, conseguimos transformar dor em sofrimento psíquico, o que lembra a afirmação de Freud de transformar o sofrimento neurótico em sofrimento comum (Bion, 1962).

Tanto o desenvolvimento do indivíduo, como o progresso da civilização são

processos que exigem um esforço contínuo. Estamos constantemente tendo que nos defrontar com a dor, que é inerente à condição de vida, e existe em nós uma tendência para fugir deste estado doloroso e não ter que passar pelo processo difícil de transformá-lo em sofrimento passível de elaboração psíquica. Em todos nós existe uma pressão para a "loucura", ou seja, para funcionarmos de uma forma mais regressiva, com estados mentais psicóticos e perversos, podendo levar-nos inclusive para um funcionamento narcisista, com franca desconsideração em relação aos outros.

A cultura pode facilitar ou dificultar o crescimento psíquico do indivíduo, em termos de apoio para enfrentar a dor mental ou, ao contrário, estimular sua fuga e negação.

As transformações sociais e culturais que estamos vivenciando no Século XXI, nas novas configurações familiares, nas novas apresentações da sexualidade e do gênero, nas novas modalidades de trabalho, no avanço da tecnologia que impacta as relações emocionais, as mudanças na política e na economia, só para citar algumas, parecem provocar uma sensação de instabilidade e de ansiedade frente ao novo, um sentimento que Freud chamou de estranho, de inquietante, e que parece estar levando a um incremento de soluções simples, únicas. Uma solução que nos levará à salvação, por exemplo, seguindo um líder religioso ou um político messiânico, chegando em seu extremo ao uso de violência e da guerra.

Amós Oz acredita que depois das matanças de milhões de seres humanos ocorridas no Século XX com Hitler e Stalin ocorreu um período de latência do fanatismo. As pessoas ficavam envergonhadas de se assumirem como racistas ou violentas. No entanto, essa espécie de trégua parece ter chegado ao fim e estaria ocorrendo um aumento do fanatismo, como observamos no nosso dia a dia. Ainda segundo esse autor, o assunto não gira em torno de discordar, protestar e se revoltar, mas de como as pessoas, que fazem os protestos, escutam e toleram outras vozes, ou não escutam e não toleram opiniões diferentes. Dito de outra forma, se trata da certeza de se achar o dono da verdade, da única verdade.

Tudo pode ser definido de uma maneira maniqueísta, preto e branco, bandidos e mocinhos, nós e eles. Eles precisam ser convertidos à nossa verdade, por bem ou por mal. A intimidação passa a ser utilizada de maneira frequente, seja política, religiosa, de gênero e assim por diante.

Em nossa cultura notamos uma grande intolerância à dor, uma forte intolerância à frustração. Temos a convicção de que podemos e devemos ser absolutamente felizes. A felicidade se baseia em uma busca de prazer total, puramente sensorial, aliada a uma atitude de evitação total da dor, uma verdadeira "cultura de anestesia" (Mello Franco Filho, 2009).

Neste aspecto, a psicanálise cumpre um papel fundamental, pois com seu método

de privilegiar a experiência emocional entre o paciente e o terapeuta, ambos têm que conviver com situações e momentos muito dolorosos, mas que são estruturantes para a mente dos dois. Essa condição, no entanto, coloca a psicanálise e a psicoterapia na contracorrente da contemporaneidade, na contracorrente de uma cultura de anestesia.

A arte e a sensibilidade dos artistas me parecem uma alternativa possível contra o pensamento fanático. Como diz Sor, o pensamento poético aniquila o pensamento fanático, mas ao usar a expressão aniquila já não estaria sendo fanático ou seria apenas enfático? De fato a poesia tolera ambiguidades e paradoxos o que são exatamente o oposto do fanatismo.

Talvez pudéssemos dizer que é justamente a tensão entre o pensamento poético e o pensamento fanático que nos torna humanos.

Entender a presença do pensamento fanático e dos preconceitos é um alerta para a necessidade de estarmos sempre atentos a nossos julgamentos e nossa forma de pensar e de procurar aceitar as diferenças em qualquer contexto (familiar, social, com pacientes, nas instituições).

Creio que só podemos pensar um processo de paz em termos de amadurecimento emocional que permita um verdadeiro sentimento de responsabilidade e empatia, tanto no sentido individual como no contexto social. Tanto para a conquista de algum grau de paz interior, como uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva para uma verdadeira paz social.

** Membro Efetivo e Analista Didático da SPPA (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre). Foi Presidente e Diretor do Instituto de Psicanálise, onde ministrou regularmente seminários. Foi Coordenador Científico da FEPAL (Federação Psicanalítica da América Latina) e do XXX Congresso Latino-Americano de Psicanálise realizado em Buenos Aires em 2014. Foi membro do Comitê de Publicações da IPA (2001-2009). Foi representante da América Latina no Conselho da IPA (2015-2019). É professor e supervisor do curso de Psicoterapia psicanalítica do Departamento de Psiquiatria da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). É membro da Comissão de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual de IPA. Atual Presidente Suplente da FEPAL.*

Referências

- Bion, W, R. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- ____ (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. Freud, S. (1930/ 1976). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Mello Franco Filho, O. (2009). *A civilização do mal-estar pela não felicidade*. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 43, n. 2, p. 181-194.
- Oz, A. (2015). *Como curar um fanático*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sor, D. (1988). *Cambio catastrófico: psicoanálisis del darse cuenta*. Buenos Aires: Kargieman.

E a paz, José...

Por *Bernardo Tanis**

O convite da Fepal visa que cada um de nós possa apontar alguma perspectiva de pensamento e indagação em face às encruzilhadas, conflito e guerras, de hoje e de sempre. Escolho um vetor marcado pelo narcisismo e a problemática identitária. Esses eixos nos afetam a partir do campo geopolítico, das guerras, através do crescimento vigoroso da ultradireita no mundo disfarçada de Liberalismo, da cegueira e anacronismo de muitas das nossas esquerdas, dos fundamentalismos, das reivindicações identitárias que por vezes assumem formas autoritárias.

Falar de identidade/alteridade não é apenas falar da necessidade de autoafirmação e de reivindicações justas, mas também da dimensão narcísica contemplada de forma absoluta em certas afirmações identitárias que carregam uma mensagem de cancelamento e/ou eliminação do outro. Somos convocados como analistas a colocar em xeque palavras de ordem, chamados como analistas e cidadãos a abordar estas questões com coragem, seja na clínica, seja nas nossas instituições e na pólis.

Por um lado, somos convidados a refletir sobre as atuais formas de sofrimento psíquico que colocam o narcisismo em xeque, sob o ângulo do estatuto singular do outro e da alteridade. Também a ideia de traumas narcísico-identitários (Rousillon) permite-nos enriquecer a compreensão (teórico-clínica) da dimensão intersubjetiva. Penso, como outros, que devemos incluir também uma terceira dimensão, ao lado do intrasubjetivo e do intersubjetivo: o espaço trans-subjetivo que contém as representações do mundo externo real, nas suas dimensões sociais, geopolíticas e econômicas. Contexto em que se desenrolam as diferentes formas de novas subjetividades, bem como a dimensão traumática como reverberação não metabolizada dos "acontecimentos" (Badieu / Puget).

Alguns pontos de partida para vetorizar o estudo teórico-clínico da identidade, sua relação com o narcisismo e os contextos culturais e sociopolíticos:

1. Trata-se de falar da perplexidade e do impacto constitutivo do EU que a desorganização social gera nos nossos modos de habitar o mundo, investigando as incertezas que colocam em causa os recursos teóricos/epistemológicos das diversas disciplinas, entre elas a psicanálise, construída para compreender os conflitos que se agravam.
2. Nestes contextos, a tonalidade paranoica costuma ser dominante, embora a tonalidade depressiva também tenha grande presença. O diferente, o outro, o desconhecido é vivenciado como ameaça. Ameaça uma identidade narcísica unitária (dificilmente construída) e produz uma "desorganização dos afetos" (devo esta expressão ao sociólogo argentino Canclini).
3. As análises críticas dos conflitos interculturais, raciais, políticos e da descolonização revelam a subordinação da simbólica nacional às redes de poder globalizadas, mídias, redes, corporações, aos interesses geopolíticos e econômicos. Aqui localizamos aspectos do trans-subjetivo.

Evidentemente, este brevíssimo escrito se propõe a ser apenas um estímulo para o debate, mais focado nos dois primeiros itens, uma busca de diálogo e interlocução perante a perplexidade dos tempos.

Recordemos o Freud de *Introdução ao Narcisismo* (1914), quando sustenta que todos os problemas observados no plano relacional sempre têm um componente narcísico, atingindo a imagem do sujeito, provocando danos e feridas. Essas feridas ocasionam sofrimento psíquico, dor, revolta ou traumas, produzem respostas, tentativa de reparar e de preencher os danos infligidos ao narcisismo.

Trata-se, pois, de uma questão essencial para a constituição do sujeito, da psicopatologia de todas as épocas, dirá Roussillon, de todas as idades e talvez de todas as culturas, apesar de revestir-se de formas diferentes em cada cultura e contextos.

Portanto, há um entrelaçamento dos ideais e das identidades que refletem a dimensão narcísica do sujeito.

A identidade (cultural, étnica religiosa, de gênero etc.) pode se constituir como um baluarte defensivo, sua ameaça demandará respostas drásticas desde posições masoquistas, falhas na capacidade de ser sujeito da própria

vida, das próprias emoções, sentimentos e decisões até uma violência destrutiva visando o aniquilamento do outro.

Nada tem efeito mais regressivo para o indivíduo, para o grupo ou à civilização e a socialização e suas diversas formas instituintes que reivindicar uma hierarquia das identidades e dos pertencimentos, nos alerta Rudinesco com quem concordo inteiramente.

A utopia de ausência de conflito entre o Eu e o Outro não deixa de expor permanentemente suas fraturas e falhas. A psicanálise freudiana mostrou a partir do mito fundador da cultura –*Totem e Tabu* e *O porvir de uma ilusão*– a necessidade de amparo e a busca de um pacto regulador da autoridade. No entanto, a figura patriarcal do Deus único levou ao longo da história a absolutizar verdades universais, e em seu nome se seguiram Cruzadas, Inquisição e Jihad como movimentos de **autoafirmação identitária** pela fé absoluta num Deus único como verdade universal que justificaria o extermínio e a eliminação do outro. A paz neste registro, no qual os interesses (políticos e econômicos) se coadunam a um imaginário narcísico, apenas seria atingida perante a uniformidade narcísica da eliminação da diferença, do outro, e da conversão a um único ideal, a uma única fé.

Em outro contexto, embora Freud tenha colocado, a partir dos *Três Ensaio*s, a fluidez e diversidade do sexual, certos caminhos de pensamento apagaram a noção de diversidade e se apoiaram em posturas binárias como condição de acesso ao simbólico mediadas pelo significante fálico. De modo que o não reconhecimento desse binarismo implicaria uma perversão ancorada na ideia de desmentida.

Cito aqui também as diferentes formas de racismo, que não podem ser compreendidas apenas pela perspectiva psicanalítica, mas que também se ancoram em discriminações e preconceitos a partir de uma lógica paranoica em relação ao diferente.

Sabemos que o antissemitismo, o racismo em relação ao negro, a grande discriminação e o ódio ao pobre (a filósofa espanhola Adela Cortina nos fala de "aporofobia: ódio ao pobre"), todos sem exceção manifestam aspectos da paranoia que o diferente representa. Assim, as diferenças, sejam étnicas, sexuais ou religiosas, despertam preconceitos, ódios, agressões. As guerras encontraram sempre justificativas imaginárias, para mascarar inúmeros interesses.

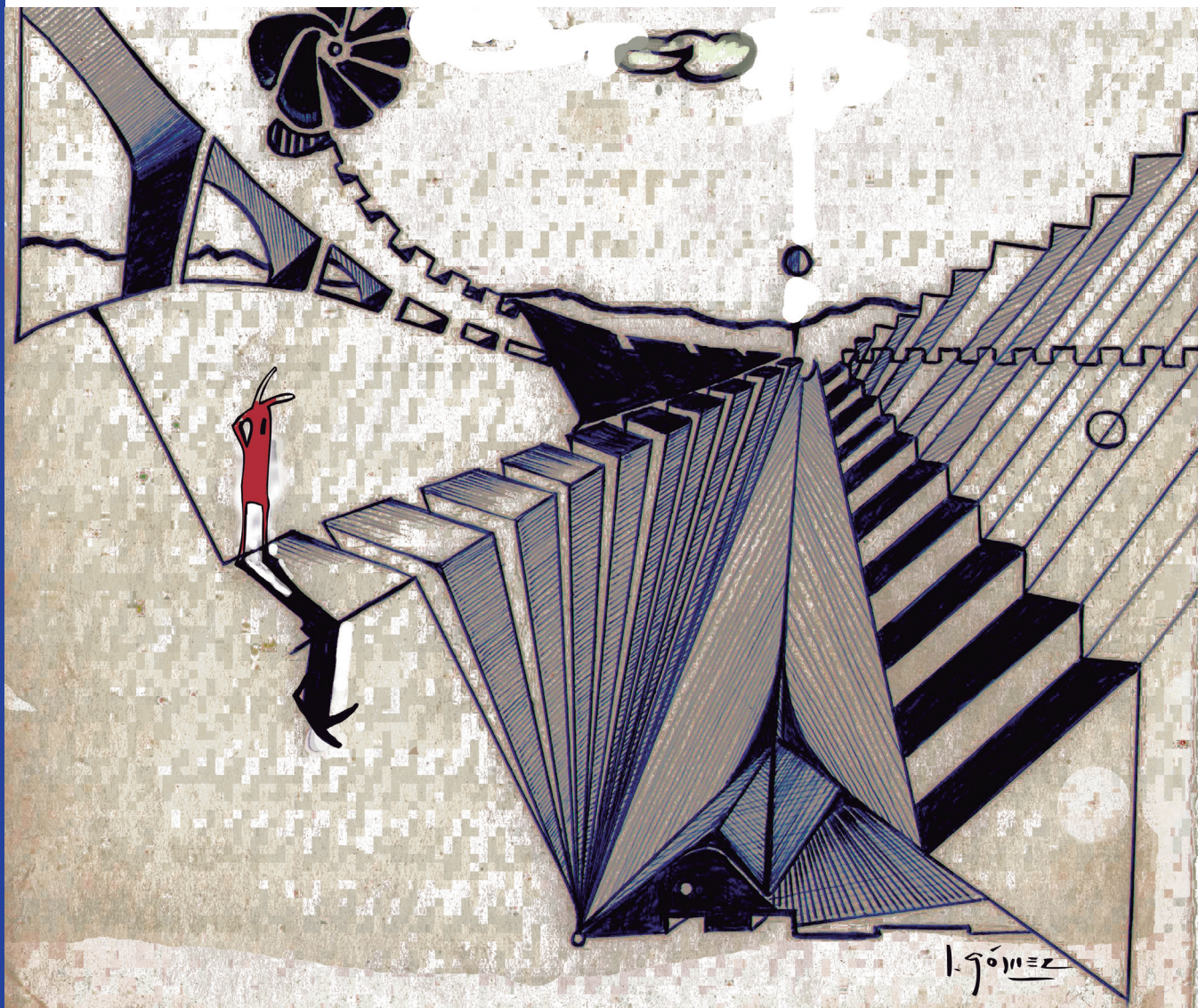
Deste modo, falar da pulsão de morte ou destrutividade deveria sempre contemplar não apenas o impulso (estaríamos num campo redutor), mas a

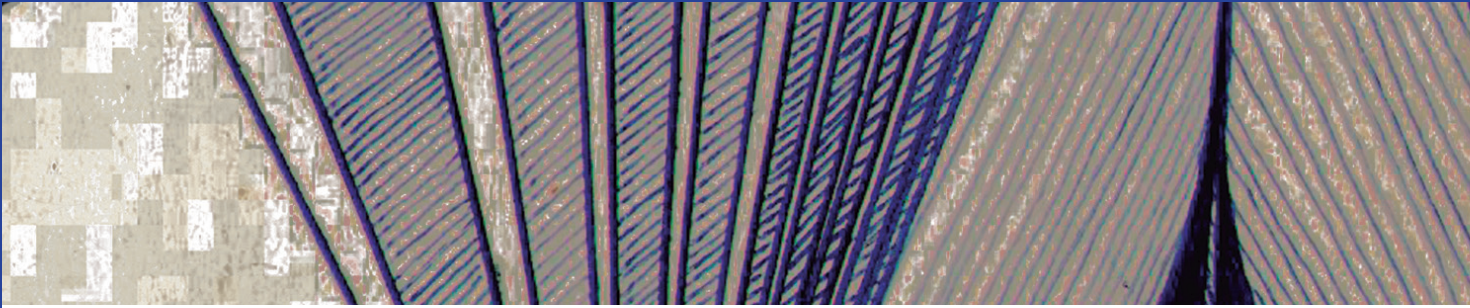
organização imaginária e narcísica que lhe concede um estatuto que supostamente legitima a destruição, o ódio e o aniquilamento do outro.

E a paz, José... parafraseando "E agora, José..." do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

Talvez "a paz" e "I have a dream..." estejam vinculados ao permanente trabalho de colocar em questão perspectivas narcísicas, fundamentalistas, essencialistas, à busca de renúncias, acordos e construções coletivas em permanente jogo de desconstrução e reconstrução que respeite minimamente a tensão constitutiva, jamais eliminável, entre o eu e o outro.

** Psicanalista. Membro efetivo e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (2017-2020). Ex-Diretor de Comunidade e Cultura da FEPAL. Editor da Revista Brasileira de Psicanálise. Autor entre outros livros de "Memorial y Temporalidad sobre lo infantil en psicoanálisis", organizador de "Roussillon en América Latina" e coautor com Magda Khouri de "Psicoanálisis en las tramas de la ciudad".*





Lógicas do silêncio e do esquecimento *Recortes para angústias em tempos de guerra*

Por **Carolina García Maggi***

Quando criança, a ideia de chegar à virada do milênio produzia em mim uma vertigem perturbadora, como chegar aos confins do mundo; imaginava acontecimentos fantásticos ou cataclismos siderais, de acordo com o humor em que me encontrava; esses devaneios futuristas hoje os compreendo em função com as circunstâncias que tocavam minha vida pessoal e próxima. Como Winnicott apontou, o colapso temido é aquele que já aconteceu. Naquele futuro atrás de mim,¹ a inflexão já havia ocorrido; a vida compartilhada com suas promessas se extinguiu um dia que lembro bem. Era a década de 70 no meu país, transformado em silêncio; a vida intelectual, a efervescência política, que absorvemos pelos poros, deram lugar ao medo, ao horror e às ausências. Ficamos sem possibilidades de futurabilidade, essa dolorosa situação em que o tempo é imobilizado. O passado já não é digno de ser evocado e o futuro, o tempo do desejo, é destituído, num paradoxal sintoma do tempo.

Pensando nisso agora, não parecia provável que pudéssemos prever o rumo do milênio que habitamos, nesta quinta dimensão, da era digital, da hiperconectividade e da inteligência dos algoritmos. Avanços que não desmereceram a ferocidade do neoliberalismo com sua violência estrutural e suas formas de determinar quais vidas valem a pena ser vividas. Nem as guerras.

A psicanálise, se pretende sustentar sua operação de escuta, deve ser capaz de fazer uma leitura trans-versa² do mal-estar no laço social, com seus sintomas, seus silêncios e sua violência.

¹ Referência ao título do livro de Vittorio Gassman, *Un grande avvenire dietro le spalle*.

² Não seria meta-versa, o que significaria que algo está dado, preparado, e deve ser descoberto, numa concepção ontológica ou essencialista da verdade do sujeito, e não da produzi-lo.

Assim como em Londres Winnicott escreveu a partir de sua experiência com crianças deportadas da guerra, a experiência de Bion com soldados no front lhe permitiu pensar sobre a vida em grupo e a clínica da psicose. Conta-se que ele carregava um livro de Klein na sua pequena bagagem de avião. Pouco tempo antes, Freud havia iniciado seus últimos anos de exílio em Londres. Tendo retomado por três vezes seu *Moisés*, contemporâneo da ascensão do nazismo, terminou de escrevê-lo quando se estabeleceu na Inglaterra. Lá, se perguntava como uma cultura, apesar de sua erradicação, podia continuar a ser transmitida.

Como dizia o artista Boltanski, a única forma de sobreviver é transmitir, uma forma de se inscrever no laço, na medida em que contraria a deshistoricização, ou a dessimbolização que os dispositivos de dominação e dessubjetivação exercem.

Não é supérfluo acrescentar que a barbárie faz parte da cultura, e que as violências genocidas que assolaram o século passado foram produto da própria modernidade.

Sabemos que a diáspora psicanalítica, causada pela perseguição nazista, produziu uma importante rede de transferências teóricas e intercâmbios que cruzaram o oceano. Nesse fio, onde o tecido coletivo é rasgado, se geram impasses e também novos relevos epistemológicos.

Retomo aqui a preocupação freudiana com as possibilidades da cultura de impedir sua erradicação, ou a transmissão que vincula os homens uns aos outros.

Certamente, em nossas latitudes, a psicanálise latino-americana ofereceu contribuições pioneiras, encorajando a repensar a neutralidade do analista diante do colapso da vida democrática e dos direitos dos cidadãos. Nessas décadas, são muitos os estudos sobre a decolonialidade e as consequências dos regimes ditatoriais que assolaram o Cone Sul, forçando a novas leituras do sujeito. Uma psicanálise anti-opressiva, capaz de produzir pensamento a partir da condição subalterna e que abrigue em sua escuta aos sujeitos minoritários, aos que não têm direito a falar e a nomear o sofrimento em seus próprios termos.

Assim, quando as garantias da palavra são destruídas, a questão seria: como construir o outro a quem falar, quando o Outro não dá garantias e pode tomar o sujeito como objeto de seu gozo e não como sujeito de palavra? Não se trata simplesmente de erigir um sujeito de palavra, trata-se de construir o Outro caído na sua condição de garante e na condição de doar a alteridade que nos sustenta. O reconhecimento da outreidade / do outro através da escuta, do inaudito. O que se pretende construir são as condições de audibilidade, ou novos regimes de audibilidade.

A complexidade é ainda maior quando se trata de ouvir o que não pode ser dito, como acontece em nossa clínica. “O que não pode ser dito, não pode ser silenciado”, como diz F. Davoine.³

Para os psicanalistas, acostumados a trabalhar com a palavra, são momentos de hesitação, que exigem aquela ductilidade com o inconsciente que não se aprende, nem é uma expertise. Na dupla impossibilidade do que não pode ser dito nem pode ser silenciado – nesse oximoro – há, no entanto, uma chance diferente, que é também o processo de uma análise. O analista é testemunha e objeto, na transferência, de uma não-palavra, que mostra os confins do sofrimento, a ruptura da transmissão das falhas do laço social. Momentos em que surge a medida comum entre loucura, guerra e destrutividade, no fogo do Real⁴. Na experiência traumática, na perda da experiência (Benjamin), o sujeito da palavra não estava lá; enquanto eclipse da palavra, nenhuma palavra foi dada para nomear o que estava acontecendo. No laço analítico, o sintoma, ou aquilo que foi despejado sem ser reprimido, encontra alguém a quem recorrer, trazendo à existência zonas de não-existência que foram suprimidas, com a oportunidade de fazer o sujeito aparecer.

Sabemos que tanto palavra quanto memória são política, a política do sujeito inscrito no social, na vida comum, no espaço “entre” os sujeitos portadores do dizer e do discurso.

Temos referências na literatura antiga e na história. Assim, na tragédia de Édipo, o drama o levou a Colono, um lugar sem história. Nessa época, quando Sófocles escreveu seu *Édipo em Colono*, por volta de 406 a.C., Atenas promulgava a primeira lei de anistia com sua política de esquecimento. Colono era o lugar que não permitia nenhum olhar, nenhuma voz, nenhuma palavra⁵. Foi nesse lugar sem história, na margem silenciosa do Real, que Édipo desapareceu.

Em 403 a.C., foi emitido o primeiro decreto de anistia ateniense, após a derrota de Atenas no Peloponeso, que desencadeou uma guerra civil. Quando os democratas recuperaram o poder, foi promulgada uma lei de anistia. O decreto proibia, sob pena de morte, “lembrar as desgraças”, ou seja, uma política ativa de amnésia. “Quando as desgraças são lembradas, são sempre lembradas contra, são repreendidas, se exercem represálias.”⁶ Segundo Aristóteles, um dos que retornou

³ Ele toma e modifica a conhecida expressão de Wittgenstein: o que não pode ser dito, deve ser silenciado

⁴ Ver F. Davoine. p. 151.

⁵ “São coisas, estrangeiro, que não tiveram a honra de serem incluídas na história, mas que se aprendeu a frequentar”, diz o habitante a Édipo quando chega a Colono.

⁶ Ver Bárbara Cassin. p. 146.

a Atenas começou a se lembrar do passado e foi executado. Um exemplo para todos e assim foi; quando ele foi executado, ninguém mais se lembrou do passado. O que precisa ser construído é o esquecimento, uma disciplina do esquecimento, para a qual é preciso deter a mobilidade da palavra e imobilizar o tempo.

A memória não é só das desgraças, é também a do nome da liberdade, "a memória da sua antiga liberdade não os deixa, não os pode deixar em paz".⁷

Diante da erradicação da memória e da transmissão da linguagem, o nome de liberdade – dada na multivocidade e na equivocidade da própria linguagem – reaparece nos sintomas e nas formações do inconsciente, como vemos no trabalho com nossos analisandos.

Não estamos falando de uma memória factual, nem de uma verdade-origem que é dada e sempre presente, mas que estas são produzidas no processo de fala, são um efeito do dizer. São pedaços de verdade, uma verdade parcial e singular, capaz de entrar em outras perspectivas.

Para B. Cassin, a tarefa de regular o ódio por meio do discurso trata-se da performatividade da linguagem como meio de privar ao ódio sua eternidade. Eternidade da fixação e imobilidade do tempo, o retorno ao mesmo lugar, à identidade do mesmo, quando não há desejo ou amor que consiga deixar uma marca no gozo obscuro.

Freud encontra um exemplo na literatura, no personagem Ricardo III de Shakespeare. Como ele não pode amar, a única coisa que lhe resta é odiar.

* *Psicanalista de crianças e adolescentes. Membro associado da Associação Psicanalítica do Uruguai. Editor-chefe da Revista Latino-Americana de Psicanálise, Calibán.*

Referências

- Freud, Sigmund (1937/2018). "Moisés e o monoteísmo" in Sigmund Freud Obras completas Vol. 19. Companhia das Letras.
- Davoine Françoise. Gaudillière, Jean Marc (2004). *Historia y trauma. La locura de las guerras.* Fondo de Cultura Económica.
- Lacan, Jacques (2012). "La psiquiatría inglesa y la guerra" in *Otros escritos.* Paidós.

⁷ Essa ideia é emprestada de Maquiavel, que advertiu quem quiser ser senhor de uma cidade acostumada a viver livre, seus habitantes jamais esquecerão esse nome de liberdade.

Pax freudiana

Por **Mariano Horenstein***

Por alguma razão, acho muito difícil urdir uma ideia a partir do significante com o qual somos convidados a escrever: *paz*.

Talvez, suponho, seja por ser uma palavra estranha à psicanálise. O terreno das boas intenções nunca é fértil em nossa disciplina, acostumada como está a conviver com as paixões obscuras da espécie humana. Assim, escrever sobre a *paz* me parece um tanto forçado, tanto quanto se eu tivesse sido convidado a escrever sobre a *civilização* ou a *felicidade*. A civilização – como sabemos tanto por Walter Benjamin quanto por Freud – é apenas o reverso da barbárie. Se a *Shoah* revelou alguma coisa, foi isso. E a felicidade, também sabemos, é apenas o afortunado anverso do mal-estar.

No mesmo sentido, para nós, a paz tem sempre em seu reverso o conflito. Na psicanálise, o conflito não é uma anomalia ou algo a ser domado ou reduzido, mas, em qualquer caso, algo que deve ser trabalhado. Na psicanálise, o conflito não está associado à patologia, mas à saúde (outra palavra estranha ao nosso campo, onde a nítida diferença entre saúde e doença também se dilui).

A palavra *paz* me soa demasiado próxima a um terreno – o das boas intenções – do qual, como psicanalista, desconfio. Mesmo a *pax romana*, aqueles duzentos anos de relativa calma vividos pelo Império que nos legou, juntamente com a tradição bíblica, uma ideia da lei, parece-me contida, fictícia, uma paz sustentada pela força da repressão.

Mas aí, sem nada para escrever, uma série de lembranças me assalta.

Londres, 2002. Edward Said, um destacado intelectual palestino, admirador de Freud, dá uma palestra intitulada: "Freud e os não-europeus". Ali, seguindo a trilha de "Moisés e o monoteísmo", ele detona qualquer ideia de identidade coagulada. A palestra deveria ter sido dada no Freud Museum, em Viena, mas foi cancelada

devido a protestos, e finalmente aconteceu no outro Freud Museum, em Londres, local onde o fundador havia desembarcado em sua fuga dos nazistas.

Berlín, 2019. No verão europeu, pude ouvir Daniel Baremboim – um músico argentino e israelense – na Bebelplatz, regendo a Staatskapelle, que tocava ao ar livre para uma multidão feliz. No centro daquela praça, sob uma laje de vidro, podia ser vista do nível da rua uma pequena sala subterrânea com prateleiras vazias, com capacidade para vinte mil livros que não estavam lá. Essa instalação era um lembrete de que ali, quando o nazismo assumiu o poder em 1933, haviam sido queimadas obras de Marx, Zweig, Brecht e Freud. A instalação, obra do artista israelense Micha Ullman, tentou retratar, como tantas outras, uma das formas de ausência.

No dia da queima – se acreditarmos em Erich Kästner, um dos autores sacrificados que assistiu horrorizado ao conciliábulo, confundido no meio da multidão – chovia tanto que as chamas se apagavam, e os bombeiros tinham que jogar gasolina no fogo para que queimasse bem. Como em *Fahrenheit 451*, vinte anos antes.

Ao lado da instalação, em bronze, está escrita uma frase que Heine havia cunhado mais de um século antes, referente à queima de livros sob a Inquisição espanhola: “Isso foi apenas um prelúdio, onde eles queimam livros, em última instância, também queimarão pessoas”.

Em algum lugar no Atlântico, 2018. Na loteria casual da alocação de assentos em um avião, me toca compartilhar uma viagem de volta para casa com um casal de cineastas israelenses. Ele se chama Avner, nasceu em um kibutz de pais asquenazes e cariocas. Ela se chama Hagar, o nome da escrava com quem o patriarca Abraão teria gestado Ismael, antes mesmo de ter engendrado, com sua esposa Sara, Isaac. Os descendentes de Ismael são os árabes, os de Isaac são os judeus, emparentados desde a origem. Hagar, não sei por que, tem um sobrenome árabe junto a outro judeu: *Shalom*.

Eles me contaram sobre seu trabalho, filmando a vida de pastores palestinos e colonos israelenses na Cisjordânia, tentando entender suas razões, suas diferenças, o direito reivindicado de viver sob o mesmo céu. Percebo que toda a sua obra cinematográfica é um manifesto pela paz. Viajam como cineastas, deveriam fazê-lo como embaixadores.

Tel Aviv, 2022. Eu nunca tinha estado em Israel antes. Ao chegar ao Aeroporto Ben Gurion, minha esposa, que não é judia, passou pelos controles de segurança sem problemas. Eu, por outro lado, com um óbvio sobrenome judeu carimbado no passaporte, fui parado. O motivo foi que eu também tinha um visto iraniano carimbado no passaporte. Passei por maus bocados, tive que explicar longamente

o que tinha ido fazer em um lugar cujos habitantes são proibidos de pisar em Israel, e que não admite israelenses em seu território. Um país que tem um relógio numa praça que marca, em contagem regressiva, o tempo que falta para fazer Israel desaparecer da face da terra.

Aquele pequeno país me cativou, em particular Tel Aviv, uma cidade vibrante e aberta ao futuro como poucas, onde a intensidade da vida só podia ser compreendida a partir da consciência do perigo. O risco assumido, a certeza de que não há certezas, animava uma vitalidade contagiante entre seus jovens.

Em Jerusalém, por outro lado, uma cidade em constante disputa e carregada com o peso de uma história milenar, o clima era diferente. Vinte anos atrás, foi lá que Daniel Barenboim, regendo a mesma orquestra alemã que eu ouvira em Berlim, decidiu, de improviso, adicionar a música do antisemita Wagner ao seu programa, desencadeando um debate inflamado.

Teerã, 2014. Eu havia recebido um convite para um encontro de psicanálise a ser realizado no Irã. Por ser judeu, minha família achava uma loucura aceitar o convite. Razões não faltavam: o Irã é um país que, apesar de abrigar uma das comunidades judaicas mais antigas, e apesar de já ter sido – em outro tempo – um dos primeiros países do mundo a reconhecer o Estado de Israel, batalha para seu desaparecimento.

Mais intrigado do que assustado, decidi viajar, e me vi falando sob efígies gigantescas dos aiatolás, diante de uma plateia jovem, hospitaleira e entusiasmada. As mulheres, obrigadas a usar *hijabs*, tiravam-nas assim que podiam para conversar animadamente. Falei lá de muitas coisas, entre elas a respeito do *divã* em que todos nos reconhecemos. Trata-se de uma palavra de origem persa, *diwan*, que significa encontro. No final da série de palestras, voltei a falar – juntamente com os outros oradores – e optei por fazê-lo repetindo a saudação com a qual os iranianos que tinha conhecido me cumprimentavam: *Salaam*.

Rio de Janeiro, 2023. Escrevo isto sob o mesmo céu que os pais de Avner Faingulernt devem ter visto quando emigraram. Continuo sem apreender a paz como um conceito afim à psicanálise, mas no campo do desejo – que é um conceito central em nosso ofício – pensar sobre a paz se torna possível para mim.

A paz enquanto desejo. *Salaam*, *Shalom*, são formas de se cumprimentar para desejar paz uns aos outros. Árabes e judeus usam a mesma palavra quase, de uma homofonia sintomática.

Diante da tragédia, quando as pessoas estão queimando há muito tempo e nos agarramos aos livros para entender algo, nos dias em que o terror se intensifica e o inimaginável se torna possível, os psicanalistas podemos, talvez, proporcionar lucidez e apostar também em um desejo.

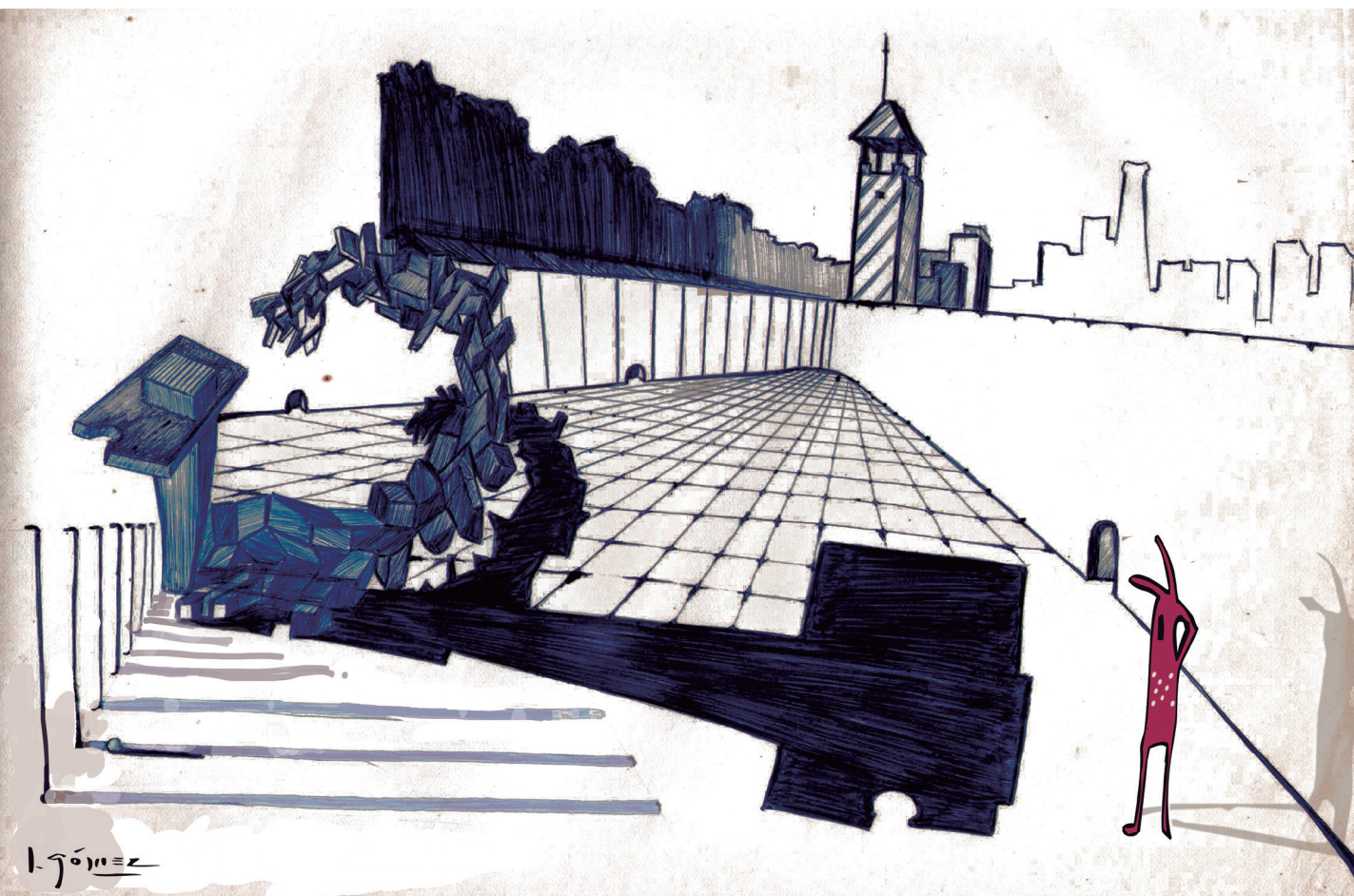
Um desejo como o que anima um casal de cineastas a filmar a possível convivência entre judeus e árabes. Um desejo como o que animou dois amigos, Barenboim e Said, a fundar uma orquestra composta por instrumentistas árabes e judeus para mostrar que podiam fazer música juntos. Foi assim que nasceu a *West-Eastern Divan Orchestra*, um projeto no qual eu gosto de me ver.

O desejo, em todo caso, de uma *pax freudiana*, o exato reverso da romana, uma paz desordenada e viva, uma constituição de grupos que não se sustente – como Freud imaginou e Lacan desenvolveu – na segregação do diferente e do racismo exponencial, mas que faça desse outro, que encarna a diferença, um objeto de curiosidade, a possibilidade de enriquecimento, inclusive o objeto que nos cause. Não a paz atarácica, onde o nervo desejante é esvaziado, não a paz como ideal de cemitério. Não a *pax romana*. Na psicanálise, conhecemos a potência do conflito quando conseguimos dar-lhe um curso fértil.

Não imaginamos ainda o quão interessante pode ser uma paz buliçosa.

Os desejos, sabemos, são impossíveis de serem realizados. Ainda assim...

* Psicanalista. Representante para a América Latina no Board de IPA. Ex-editor-chefe de *Calibán-RLP*. Membro do grupo de pesquisa "Geografias da Psicanálise". Autor dos livros: "Psicoanálisis en lengua menor"; "Brújula y diván. El psicoanálisis y su necesaria extranjería"; "Funambulistas. Travesía adolescente y riesgo" e "Conversaciones de diván".



Vingança e desumanização do adversário: *via regia* à barbárie

Por **Alberto César Cabral***

Os acontecimentos que se desenrolam no Médio Oriente mergulham-nos em um estado de dor e indignação. Mas também de incredulidade. A partir dessa impossibilidade de acreditar, persiste entre nós a mesma pergunta: como é possível que continuem sendo perpetrados crimes e ações tão violentos? Como não interpor diques de empatia e comiseração para com o adversário e a população civil? Indo um pouco além: que tipo de subjetividade é capaz de concretizar tamanho desdobramento de ódio e de violência?

Minha intenção é focar em apenas um aspecto, entre os muitos (geopolíticos, econômicos, religiosos) que participam na construção desse cenário mortal. Trata-se do processo de *desumanização* do inimigo, que passa a ser incluído em uma categoria excetuada dos diques que evocamos. Somente despojando suas vítimas de sua condição humana é que os membros do Hamas puderam cometer as atrocidades (tortura, estupro, decapitações) que nos horrorizam e condenamos.

Muitos de nós também estamos chocados com o fato de a resposta do governo israelita reivindicar o mesmo fundamento. Foi o que transmitiu o seu ministro da Defesa, ao anunciar primeiro e executar depois ações de vingança contra inimigos qualificados como "animais". E nos preocupa que a dolorosa declaração da Sociedade Psicanalítica de Israel também coloque os autores dos crimes que condenamos "fora do vínculo humano".

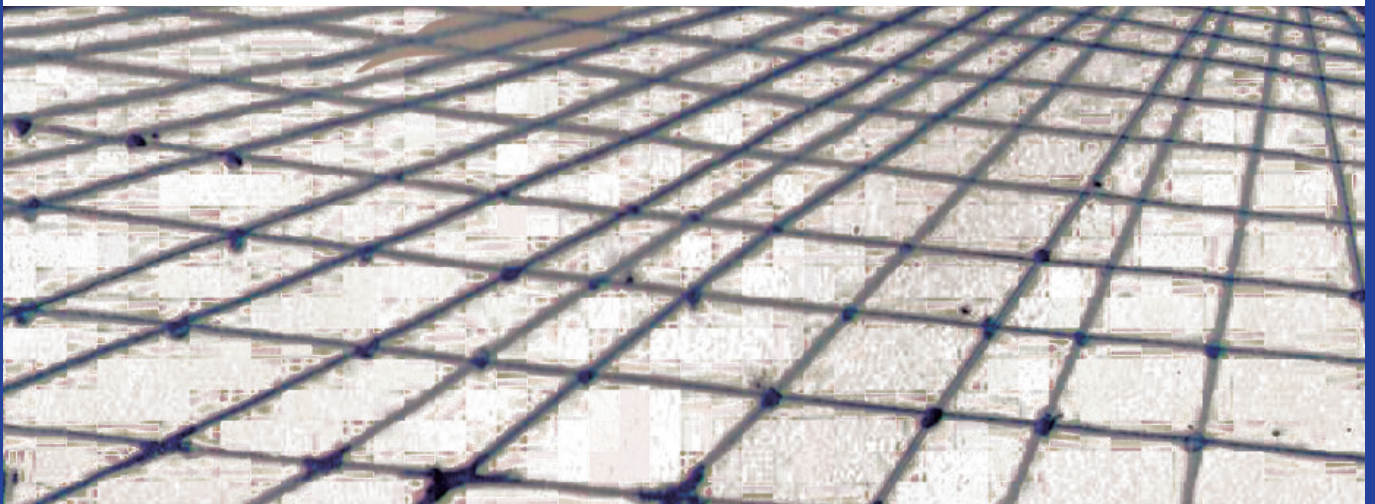
É uma posição que abre a porta para o pior. Através da fenda da "animalização" do oponente se infiltraram genocídios e massacres. E com a reivindicação do recurso à vingança é incentivada a sequência crime-vingança-crime, típica do que os gregos consideravam legalidade arcaica: "o sangue derramado pede para ser vingado por sangue novo", escreveu Ésquilo, antecipando o roteiro que parecem atuar os protagonistas do conflito.

Mas será que acreditamos seriamente que, por exemplo, Hitler e o nazismo são fenômenos "não humanos"? Minha impressão é que se trata de uma crença que participa de uma idealização da "humanidade", sustentada na renegação da "hipocrisia cultural" com que Freud caracterizava a eticidade do neurótico: frágil e inconsistente, sustentada pela repressão... e, portanto, ameaçada pelas irrupções de retornos do gozo (fratricida), típico de seu terceiro período.

É uma idealização que supõe, também, a renúncia – como trabalhadores da cultura – a explicar os dinamismos "humanos, demasiado humanos" (Nietzsche) de algumas condutas de nossos semelhantes. Declaramo-los "desumanos" e desistimos de explicá-los porque, no fundo, nos afligem: lembram-nos as atrocidades que também podemos perpetrar, autorizados até mesmo pelos valores mais nobres. Freud já advertia – invocando o exemplo da Inquisição – que os ideais podem constituir meras racionalizações, que legitimam os transbordamentos mais cruéis do gozo. Os excessos cometidos por todos os "ismos" no século XX, e o que vai do XXI, são prova disso.

O que temos à disposição, se não para evitar, pelo menos para dificultar o deslizamento para a barbárie, é o recurso aos diques mais sólidos proporcionados pelo "enobrecimento pulsional" e a construção dessa "intolerância" ao gozo de matar em que Freud fundava a convicção pacifista que compartilhava com Einstein. "É possível ser virtuoso... por capricho", dizia Camus, anunciando também uma alternativa ao recurso ao ideal. Ele antecipava a aposta de Lacan: um "desejo inédito", despido de aderências de gozo, pode constituir um fundamento mais confiável (do que a repressão) para a ação ética.

A defesa mais digna de uma nação, de uma fé ou de um credo, será aquela que realce e preserve seu rosto humano: entendido como a predisposição para reconhecer no adversário um oponente igualmente humano, com o qual será



preciso encontrar as formas mais razoáveis de resolver conflitos. E para que, mesmo no caso extremo de confronto bélico, este possa acontecer em um marco regulamentado, que proteja ao máximo a população civil e os prisioneiros de guerra.

É um indicador inquietante do retrocesso cultural que estamos vivendo, que essas expectativas sejam – para muitos – ilusórias ou ingênuas. No entanto, também muitos de nós aspiramos que um divórcio não reedite o roteiro de “A Guerra dos Roses”, que Guernica e Hiroshima não sejam o destino inexorável dos conflitos entre Estados, e que seja o “castigo *sem vingança*” (Lope de Vega) que puna o crime, por mais cruento que esse tenha sido. Michal Halev manifestou essa posição subjetiva quando, ao inteirar-se que seu filho havia morrido nas mãos do Hamas, disse: “Meu filho foi morto e eu não quero vingança”.

A prática analítica empurra na direção desses resultados “virtuosos”. Ela faz isso como ganho colateral, ao promover elaborações progressivas de gozo e diques mais sólidos contra os seus retornos.

São dois recursos que participam do perfil subjetivo desse “ateu consequente” (Lacan) que entrega o fim da análise. Curiosamente, eles aparecem fundidos no Deus de um antigo comentário rabínico. Mariano Horenstein evocou isso ao apresentar meu livro sobre Lacan e a contratransferência: “No caso de um justo perseguir um justo, Deus está do lado do perseguido; quando um malvado persegue um justo, Deus está do lado do perseguido; quando um malvado persegue um malvado, Deus está do lado do perseguido, e mesmo quando um justo persegue um malvado, Deus está do lado do perseguido”.

Mariano e eu voltamos várias vezes a esse final paradoxal. Minha impressão é que esse retrata uma figura sugestiva de Deus, de candente atualidade. Porque é óbvio que, quando o malvado persegue o justo, Deus esteja do lado do justo. Entendemos, também, que quando o malvado persegue o malvado, ou quando o justo persegue o justo, Deus não se refugie na neutralidade e opte sempre por socorrer o perseguido.

Mas o que abala nossa modorra moral e resulta desconcertante é que, quando o justo persegue o malvado... Deus surpreenda ao ficar do lado do malvado! Trata-se, sem dúvida, de um Deus que exerce seu poder para limitar os transbordos do gozo vingativo que ameaçam toda perseguição. E que não se deixa seduzir por racionalizações que – invocando os motivos mais “justos” – podem encobrir as mais ferozes caças às bruxas.

* Membro da APA em função didática. Ex-Diretor do Instituto de Psicanálise de APA. Autor de “Cuestiones en Psicoanálisis” (Letra Viva, 2000), “Lacan y el debate sobre la cotransferencia” (Letra Viva, 2009) e “El perdón y sus límites” (Teseo, 2020). Coautor de vários livros, entre eles “Nuevos desarrollos en Transferencia y Contratransferencia” (APA-Lugar Editorial, 2022).



Paz entre Israel e Palestina?

Por **Andrés Gautier Hirsch***

Bolívia, novembro de 2023

Conversando com um parente meu que mora em Israel, trocamos e-mails sobre o ataque terrorista do Hamas e a resposta brutal das Forças Armadas israelenses que afetou toda a população palestina de Gaza. Ele me falou sobre o direito moral do povo judeu de existir, e eu respondi que o povo palestino também tinha o direito moral de existir. Com isso terminamos o diálogo respeitoso que tivemos. O direito do povo palestino a existir ficou sem resposta.

Em 28 de outubro, o presidente do Estado de Israel, Benjamin Netanyahu, em seu discurso, falou da "guerra do humanismo" contra o Hamas, ignorando o povo palestino, e ainda da "guerra da luz contra as trevas", como os Estados europeus que justificaram as guerras coloniais do século 19 alegando levar a civilização aos povos selvagens, primitivos, mas exterminando povos inteiros. No discurso de Netanyahu, o direito do povo palestino de existir não foi sequer mencionado. E até hoje, no ataque a Gaza, fala da luta contra o Hamas mas evita falar da população palestina, como se ela não existisse.

Não entanto, não será ignorando um povo, negando sua existência, negando sua identidade, ou aniquilando-o, que a memória de um povo desaparecerá. A experiência da Shoah nos mostra isso. Annette Wieviorka começa sua obra *L'ère du témoin* (A era da testemunha) com uma declaração de Simon Dubnov a seus companheiros do gueto de Riga, antes de ser assassinado em 8 de dezembro de 1941: "Gente boa, não esqueça! Gente boa, conte! Gente boa, escreva!"

Assim como o povo judeu tem a Shoah, com todos os seus efeitos traumáticos transgeracionais individuais e coletivos, o povo palestino tem a Nakba com efeitos similares. No povo palestino, a memória da Nakba está tão presente quanto a Shoah

¹ Annette Wioviorka. *L'ère du témoin*. Paris, Plon 1998, p. 9.

no povo judeu. A diferença é que no Ocidente fala-se da Shoah, enquanto que a Nakba é ignorada.

Durante séculos, os judeus sefarditas e os mizrahims (a quem o sociólogo israelense Yehuda Shenhav chama de “judeus árabes”) viveram em convivência pacífica com os nativos do norte da África, em sua maioria muçulmanos, o que não fora possível em toda a Europa cristã, marcada por histórias de perseguição, pogroms, inquisições, e que concluíram com o plano de extermínio da Shoah. Nesse contexto, pode-se imaginar o que significa concluir Pessach (Páscoa) e Yom Kippur (O Dia da Expição) com “L’Shana Haba’ah B’Yerushalayim” (No próximo ano em Jerusalém). Em situações de insegurança e possíveis surtos de antissemitismo, acreditar em uma alternativa que simbolizasse uma salvação, uma libertação da opressão, da insegurança existencial, a oração *L’Shana Haba’ah B’Yerushalayim* exprime uma mensagem de esperança e, ao mesmo tempo, é portadora de uma ilusão. O que a oração ignora é o fato de que a verdadeira Jerusalém, a terra de Sião, tem populações enraizadas ali há séculos, com suas culturas e tradições. Até hoje, uma parte da população israelense não consegue imaginar que outros povos possam ter o mesmo direito de viver na mesma terra. O desejo intenso de poder viver “finalmente” em uma situação de segurança entre pessoas do próprio povo, esse paraíso que os libertaria da ameaça constante de perseguição, tem efeitos psicossociais que os políticos instrumentalizam para justificar o injustificável por parte do Estado de Israel contra a Palestina.

O povo palestino, por outro lado, após séculos sob domínio otomano, tornou-se um protetorado britânico na primeira metade do século 20. Durante séculos, viveu em condições típicas de uma sociedade colonizada, oprimida e explorada, mas o que aconteceu em 1948 nunca antes o tinha vivido. É o que o povo palestino chamará de Nakba, ou seja, a “Catástrofe”.

Com a Resolução da ONU de 29 de novembro de 1947, o território palestino foi dividido em dois Estados, um judeu e outro árabe, causando uma intensificação da tensão em ambos os lados. Os ataques aos assentamentos judaicos aumentaram, mas em abril de 1948, a situação tomou um rumo catastrófico, fazendo com que 750.000 palestinos fugissem do campo e da cidade. Com efeito, em 9 de abril aconteceu o massacre dos habitantes de Deir Yasin, que, segundo Uri Avnery, foi decisivo na reação de pânico da população árabe. Edward Said diz:

² The Arab Jews. A Postcolonial Reading of Nationalism, Religion and Ethnicity. Stanford University Press, 2006.

³ Em 1950, quando a UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente) iniciou suas operações, 750.000 pessoas tinham status de refugiado palestino. Hoje, mais de 5,9 milhões de pessoas esperam abandonar tal condição para se tornarem cidadãos plenos.

⁴ Más de 100 árabes palestinos muertos.

⁵ Uri Avnery. “Les réfugiés arabes, obstacle à la paix en Palestine”, Le Monde, 9 e 10-11 maio 1954.

Mais do que qualquer outro, o evento que emerge dessa época sombria é Deir Yasin, os estupros, as decapitações de crianças, as mulheres estripadas... Precisei de tempo para entender o contexto e o verdadeiro significado de Deir Yasin... fazia parte de um plano geral destinado a esvaziar a Palestina de sua população árabe.

A antropóloga Éléonore Bronstein é da mesma opinião: "Não acredito que o projeto sionista tenha como objetivo exterminar os palestinos. Pelo contrário, acredito que a intenção é "despalestinizar" para que possamos viver em paz entre nós." Em 1948, 678 cidades palestinas foram destruídas pelas Forças Armadas israelenses e 22 cidades pelas Forças Armadas árabes (os palestinos não tinham exército).

Diante desta situação desoladora, sempre houve minorias judaicas que tentaram reagir, quebrar o silêncio que encobre a responsabilidade de Israel pela Nakba. Uma dessas iniciativas é a organização israelense sem fins lucrativos Zochrot (Elas lembram), fundada em 2002, cujo objetivo é promover a conscientização sobre a Nakba. O fundador, Eitan Bronstein, é de origem argentina. O lema: "Comemorar, testemunhar, reconhecer e reparar". A ação de fundação foi plantar cartazes em todos os lugares do país onde estavam localizadas as aldeias palestinas destruídas e organizar tours para judeus e árabes. As informações a respeito delas eram fornecidas pelos refugiados e suas famílias.

Como diz Edward Said: "Continuo pensando que não há solução militar para o conflito entre israelenses e árabes, e que a única esperança reside numa coexistência digna e leal". Foi ele quem fundou, em 1999, com Daniel Barenboim, a *West-East Divan Orchestra*, que reúne músicos palestinos e israelenses.

Mas, enquanto as potências internacionais tiverem outras intenções e interesses – que não uma paz digna –, a tarefa é titânica.

** Doutor em Psicologia pela Universidade de Zurique (Suíça), Psicoterapeuta e Psicanalista. Graduado pelo ILAP. Membro direto da IPA. Membro do grupo de analistas que colaboram com as tarefas de formação e divulgação do ILAP. Responsável pela área socioterapêutica do Instituto de Terapia e Investigação sobre as sequelas da tortura e da violência de Estado (ITEI) na Bolívia. Longa experiência psicanalítica em consultório particular, em prisões (na Suíça e na Bolívia) e em intervenções em comunidades indígenas e situações de crise (na Bolívia). Membro do Comitê Executivo da Sociedade Boliviana de Ciências Forenses.*

⁶ Edward W. Said. Israel, Palestina – L'égalité ou rien. Paris, La Fabrique, 1999, p. 103-104.

⁷ Éléonore Merza Bronstein et Eitan Bronstein Aparicio. NAKBA – Pour la reconnaissance de la tragédie palestinienne en Israël. Paris, Omniscience, 2018, p. 103.

⁸ Dados extraídos de Noga Kadman. Erased from Space and Consciousness. Israel and the depopulated Palestinian Villages of 1948. Indiana University Press, 2015, p. 189.

⁹ Idem, p. 10

A paz é perigosa

Por *Thércio Andreatta Brasil**

Paz substantivo feminino

1. Relação entre pessoas que não estão em conflito; acordo, concórdia.
2. Relação tranquila entre cidadãos; ausência de problemas.

Partindo dessa definição comum, a ideia de paz é muito perigosa aos homens, pois pode levar a crer que o melhor seria viver sem conflitos, sem problemas, tranquilamente, em um mundo onde todos estejam de acordo em total comunhão. Isso, enquanto psicanalistas, parece-nos tão infantil, tão distante da realidade dos fatos e, sobretudo, tão distante da realidade psíquica (um dos eixos do 35º Congresso FEPAL em 2024, além de fanatismos e intolerância).

A definição de paz descrita acima, segundo o dicionário Oxford, é sinônima de calmaria. Essa definição pode trazer consigo o ovo da serpente - que a paz seja buscada a qualquer preço, que ela sirva para fanatismos. Paz, calmaria, inércia, ilusão, denegação, silêncio, isolamento, doença, violência, submissão e mentira: pulsão de morte. Nesse caso, melhor seria promovermos o ideal da guerra: movimento, diplomacia, negociação, poesia, força, vigor, companheirismo, integração, ligação e saúde: pulsão de vida.

Segundo o poeta Paulo Leminski, onde há guerra, há festa. A poesia contemporânea, segundo o ele, assume o caráter de trincheira de guerra. Leminski defende o fato de que a poesia resiste ao mundo mercadológico justamente por ser um objeto sem nenhuma utilidade prática; por isso, sua importância. Entrar em acordo com *status quo* é ceder ao conforto inerme de uma falsa estabilidade pacífica. Ainda mais para quem vive na América Latina.

Estamos e estivemos, ao menos desde a recente era colombiana, em guerra

na América Latina. É famosa a cena de um documentário com o líder indígena Ailton Krenak onde o cinegrafista branco o mira sorrindo e aquele lhe contesta "não sei porque você está sorrindo se estamos em guerra". Baudelaire já dizia: "o maior truque do diabo é persuadir você de que ele não existe", e assim se crê que vivemos em harmonia. E aqui podemos afirmar, com segurança, que por diabo entendemos sociedade capitalista, como dizia Ricardo Piglia, "La sociedad capitalista no es lo que ella dice que es. Cuando denuncia lo que se supone que funciona mal (la corrupción, el fraude, el delito político), está reforzando la idea de que se trata sólo de anomalías en una lógica que tiene la garantía de su propia autorregulación y de su visibilidad".¹

Àqueles que se beneficiam da ilusão da paz, restará o butim (direito dos vencedores de saquearem os vencidos). A manutenção da ilusão da paz põe mais em risco a alguém do que a consciência da necessidade de lutar. E assim as pessoas se dizem surpresas quando há uma revolta, um protesto, uma greve, um ataque de pânico, uma "depressão sem causa aparente". A perda da capacidade de comunicação, a falência do diálogo, é uma marca atual, apesar desse sintoma se encontrar na vida social desde os últimos cinquenta anos, como signo das políticas neoliberais.

Por isso, quando a diplomacia falha, ou seja, quando a manutenção da convivência nos conflitos não é conseguida, irrompe o fel da violência e da covardia. Nesse momento fracassa a guerra de ideias, de palavras, rompe-se a pele imaginária. Todo o plano simbólico ameaça se desintegrar e o que resta é a carne viva do real. É quando o nó na garganta se torna força. Desde esse ponto de vista, a manutenção do diálogo, a aceitação dos conflitos, a convivência em desacordo é fundamental para a sobrevivência e o crescimento – criatividade nas experiências com as diversidades e pluralidades. Isso é mais que a simples tolerância (tolerar a existência da diferença), é sequer não pensar que a diferença não poderia não ser aceita.

Pensando nisso, faz todo sentido a um povo indicar seus melhores representantes para a diplomacia (enviá-los à guerra), os representantes-palavra da nação. A elite de um povo são suas guerreiras e seus guerreiros. A manutenção da guerra no nível simbólico é condição para se viver. Dessa maneira, o investimento no estudo da filosofia e da poesia nas

¹ "A sociedade capitalista não é o que diz ser. Quando ela denuncia o que supostamente está errado (corrupção, fraude, crime político), está reforçando a ideia de que essas são apenas anomalias em uma lógica que tem a garantia de sua própria autorregulação e de sua própria visibilidade".

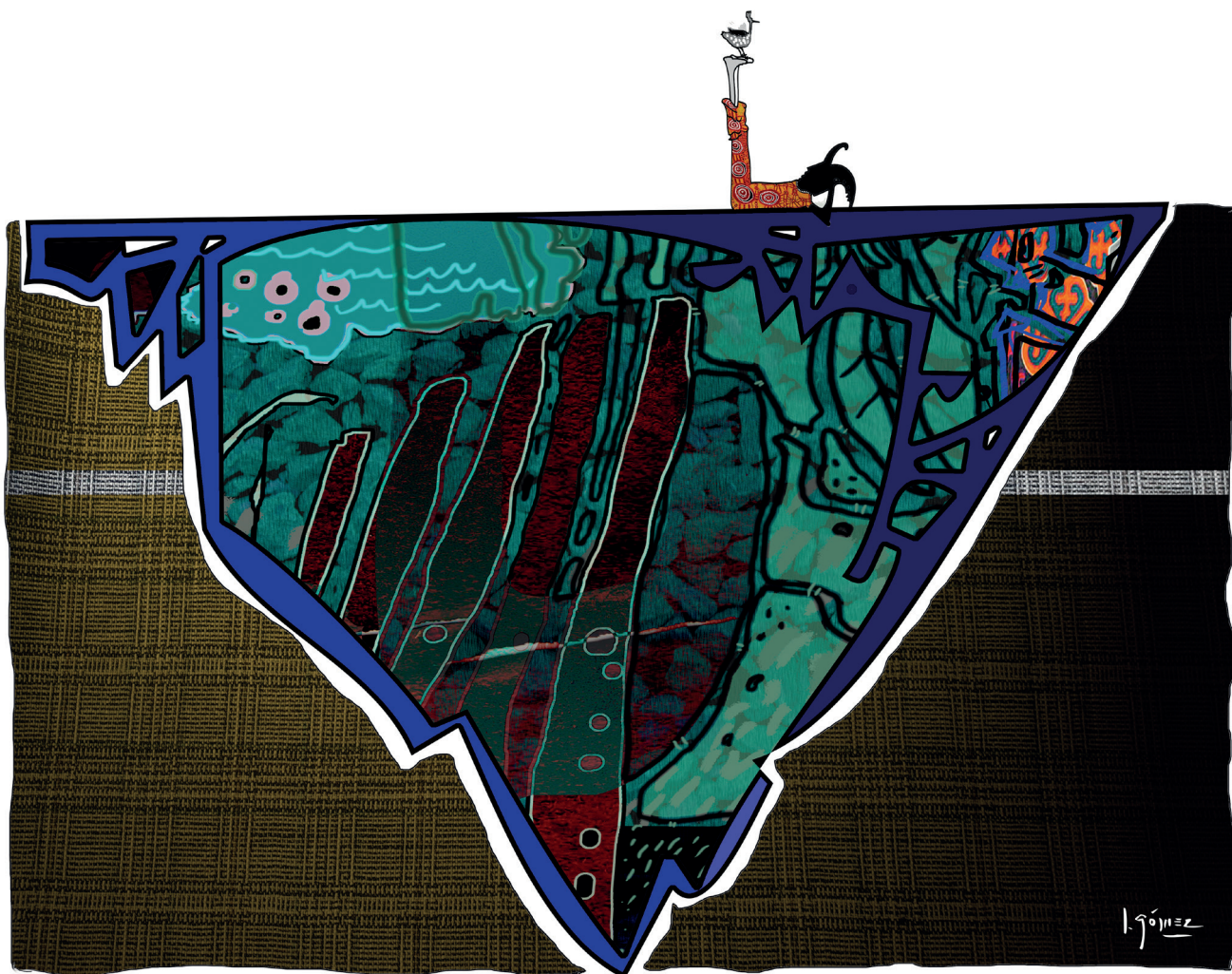
escolas básicas dá mais segurança à sobrevivência de um povo que pesados orçamentos militares (soldados todos uniformes – uma única forma). Nada lembra mais um governo fascista do que o fracasso diplomático, o fracasso político. Nada lembra mais uma tragédia psíquica que a psicose franca.

De modo que a psicanálise se encontra em uma trincheira nada fácil. É necessário resistir às pulsões puramente destrutivas, onde não só a violência, mas também o conformismo, a concórdia por inércia coloca em risco a capacidade de viver feliz, a capacidade de amar, a capacidade de ser criativo. Respeito mútuo é a chave; ouçamos o poeta Mano Brown:

"Um rolê com os aliados já me faz feliz,
respeito mútuo é a chave é o que eu sempre quis.
Procure a sua, a minha eu vou atrás,
até mais, da fórmula mágica da paz. "

Feliz Ano Novo, saúde e amor para toda comunidade latino-americana.

** Médico Psiquiatra e Psicanalista. Presidente da OCAL (Organização de Candidatos da América Latina). Membro do Instituto da SBPdePA (Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre). Professor Pós-Graduação Teoria Psicanalítica URI-RS (Universidade Regional Integrada).*



Reflexões em busca de uma Paz atual

Por *Iván Gutiérrez Cuadrado**

Sou convidado a refletir sobre a Paz, que pode ser definida como um estado de equilíbrio e estabilidade; tranquilidade mental de uma pessoa ou da sociedade, ou também ausência de guerra ou violência.¹ Considero problemática essa descrição dicotômica ou binária da presença ou ausência de guerra ou violência. Mas é claro que, a partir da contextualidade, posso tentar refletir sobre a Paz. E digo isso porque o contexto atual, como todos os momentos sócio-históricos, tem suas particularidades. Considerando apenas os movimentos que se sucedem em relação às ciências sociais, naturais e formais – em sua epistemologia e suas possibilidades de modificação –, merecem ser ilustrados e mencionados em sua especificidade. Com isso, quero dizer que as verdades do passado têm sua origem e seu ponto de produção que as tornam particulares, mas não mais universais.

Considero uma particularidade importante a tendência de deixar de posicionar tudo – conhecimentos, teorias, vida – em torno do ser humano (próprio desta era do Antropoceno/Capitaloceno² e, obviamente, ocidental, colonial e patriarcal) e de voltar nosso olhar para o "outro". E com "outro" quero dizer outros sujeitos, outras sexualidades, aqueles com a presença de dispositivos tecnológicos (partes do corpo e construções com inteligência artificial - IA), que estabelecem relações de um tipo que requer a reflexão cuidadosa e imperativa sobre nossos

¹ Paz. In: <https://es.wikipedia.org/wiki/Paz>

² Araiza Díaz, Verónica. (2021). "Reinventar la naturaleza para hacernos cargo del Capitaloceno: la propuesta de Donna Haraway". *Andamios*, 18 (46), 413-441. Epub 17 de enero de 2022. <https://doi.org/10.29092/uacm.v18i46.851>

parâmetros e nossas verdades, com a presença de seres sencientes não humanos que fazem parte das novas famílias, assim como alguns outros.

A presença das minorias como sujeitos de lei e de direito, longe da sutil homogeneização do multiculturalismo, com toda sua bagagem cultural posicionada como proposta de conhecimento e compreensão do outro mundo em que vivem e que apresentam como diferente, faz deste momento um momento particular. Desde as cosmogonias dos povos primitivos até a dissidência do corpo queer, a reflexão sobre a Paz tem que buscar um novo modo de ser pensado, já que o que ela deve abrigar é diferente e amplo.

E é aqui que penso em alguns conceitos que não são tão novos quanto outros que são realmente inovadores. Inicialmente, considero necessário pensar na solidariedade e na comunidade. Depois, pensar no bem-estar, onde surgem elementos inovadores como o consumo ecológico ou o consumo responsável, a descolonização e a terceiridade.

Parece-me que, se fôssemos dar voz à Paz neste momento, ela nosalaria de uma desejada compreensão da alteridade e da consideração da produção de elementos novos como um terceiro construído entre a ocidentalidade hegemônica e as cosmovisões das minorias, e acho que parte desse terceiro deve estar impregnado de um grande senso de comunidade e solidariedade, que o neoliberalismo e o capitalismo arrebataram dos grupos humanos. Mas recorro ao terceiro não porque estou considerando que todo o anterior estava errado e agora nós vamos acertar. Longe de ideias messiânicas ou atitudes puras, absolutas ou essencialistas. Acudo ao contexto e começo com o que temos. Esse passado imediato nos trouxe aqui, neste ponto específico. O terceiro seria, então, o que se constrói entre todos, levando em conta as particularidades do presente, onde a solidariedade na comunidade consciente permite o bem-estar de todos os que a ela pertencemos. Somos capazes de permitir que o outro também pertença?

Como elaborar nossa tendência destrutiva e nosso excesso narcísico – que não são necessariamente a mesma coisa –, e abrir espaço para a terceiridade ou a possibilidade de criar um terceiro benéfico para todos? Isso significaria que o bem-estar teria que ser de alguma forma padronizado. Rumo a qual bem-estar? Haverá alguma mulher que, em seu senso de bem-estar, prefira a burca a outras peças de vestuário? Porque de outros lugares, sim é possível que alguns sujeitos prefiram uma vida de produção artesanal e cotidiana à produção em massa, como é o caso de alguns habitantes da Costa do Pacífico da Colômbia que preferem que o "viche" – substância que usam como ritual e entretenimento,

ancestral e com valor cultural – permaneça como tal, e que não pretendam receber investidores majoritários para estabelecer grandes empresas. Embora alguns o façam.

Então, eu me pergunto se estou falando sobre a gestão das pulsões e paixões. Modificar o consumo está relacionado ao anterior? Não estou pensando em ir contra o progresso tecnológico, mas em considerar o progresso junto com um consumo ecológico, descolonizado, justo para todos os seres e entidades intervenientes, conjunturais e presentes nas interações.

E eu enquanto pensava nisso, por acaso, me deparei com outro assunto: O trabalho do negativo, de André Green. Encontrei um artigo chamado “O trabalho do negativo”,³ da analista colombiana Cecilia Muñoz, que se baseia em algumas obras e conceitos de André Green para pensar sobre a guerra, os acordos de paz na Colômbia em 2016 e os resultados do plebiscito acerca dos acordos de paz.⁴ Já conhecemos o resultado. Os habitantes desta nação onde moro votaram “Não”. A diferença entre “Sim” e “Não” foi de 53.908 votos (0,5%). Mais de 6 milhões de pessoas no país não quiseram a Paz.⁵ Alguns porque queriam vingança, outros porque queriam justiça à sua maneira, outros porque não queriam perder os seus rendimentos, fruto da economia de guerra, e outros porque queriam outras condições. Tudo porque essas condições não eram convenientes. De acordo com Muñoz, há um uso massivo de negação, refutação e forclusão; porque “há um desaparecimento do eu sob o objeto nos processos de luto, melancolia e identificação...” (Muñoz, p. 57), porque a pulsão de morte, a desinvestidura, a desobjetificação e a aniquilação recaem sobre os sujeitos do encontro (perpetradores e subjugados) e se atua. Por isso, mesmo havendo uma Jurisdição Especial para a Paz (JEP) que buscava justiça, reparação e não repetição,⁶ não foi suficiente para querer a Paz.

Então, sim. Essa Paz que pode ser pensada agora deve ser diferente, quando possamos pensar em um terceiro onde essas diferenças ou alteridades confluem em uma possível tolerância. Como fusionar o negativo novamente?

³ Muñoz Vila, Cecilia. “El trabajo de lo negativo”. Desde el Jardín de Freud 19 (2019): 57-66, doi: 10.15446/djf.n19.76715

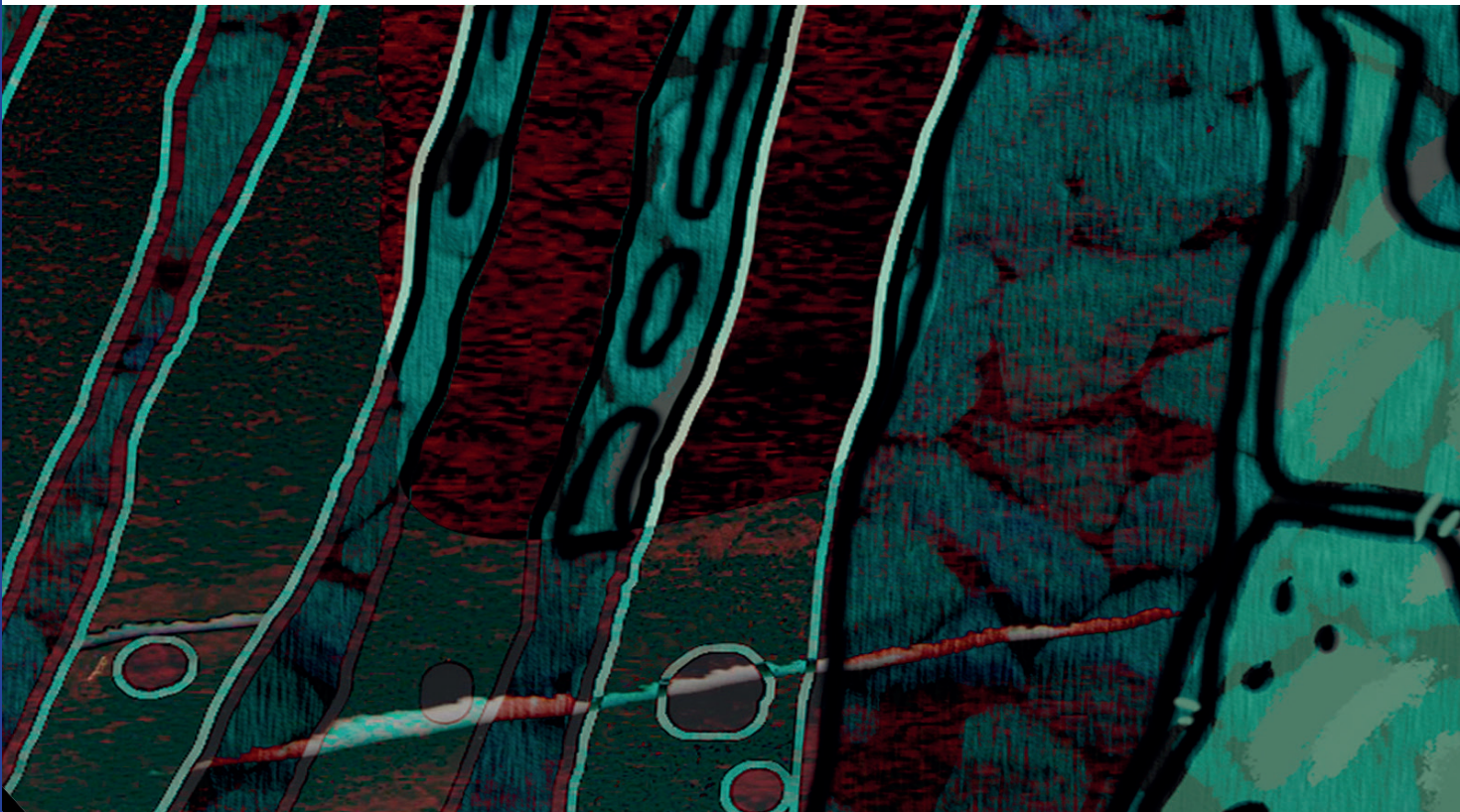
⁴ O plebiscito trazia a pergunta: “Você apoia o acordo final para o término do conflito e a construção de uma paz estável e duradoura?”

⁵ Plebiscito sobre los acuerdos de Paz. In: https://es.wikipedia.org/wiki/Plebiscito_sobre_los_acuerdos_de_paz_de_Colombia_de_2016

⁶ Jurisdicción Especial para la Paz (JEP). In: <https://www.jep.gov.co/ServicioAlCiudadano/Paginas/preguntas.aspx#:~:text=La%20principal%20finalidad%20de%20la,proceso%20judicial%20que%20se%20adelanta.>

E volto ao contexto. No início deste texto, aproveito o contextual para observar a particularidade do momento histórico atual, mas esqueço o momento histórico mais próximo, o do meu país. E pergunto se isso faz parte da lacuna entre as ciências, a psicanálise de consultório e os fatos sociais externos. É uma negação? Ou uma desmentida? Porque não estamos mais em guerra. Talvez a paz esteja por detrás da resolução do negativo que não pudemos observar como um potencial construtivo, mas apenas como ausência e destruição.

** Médico Psiquiatra e Psicanalista, membro titular da Sociedade Colombiana de Psicanálise (SOCOLPSI), membro do Subcomitê de Gênero da Associação Colombiana de Psiquiatria, membro da Direção de Comunidade e Cultura da FEPAL, membro do IPA. Coordenador de seminários no Instituto de Psicanálise da SOCOLPSI e autor de alguns artigos publicados na Revista da Sociedade Colombiana de Psicanálise e em Calibán.*



Faça amor, não guerra.

Por **Fernando Orduz***

1.

Após as cenas de massacres, nos dias que se seguiram, o ambiente parecia ser regido pelo silêncio. Entre o cheiro fétido dos cadáveres, entre os escombros de prédios danificados, entre os fragmentos de seres e objetos mutilados, sente-se reinar o mutismo pacificador perpetrado por esse sentimento de medo e horror deixado pela ação de Belona, a antiga deusa da guerra que deixou seu nome (bélica) como sinal da capacidade destrutiva do ódio entre os homens.

Depois de perceberem os efeitos da ação destrutiva, os homens desejam antiteticamente a ação apaziguadora de um tempo de paz; o ditado "Depois da tempestade vem a calmaria" é certamente um reflexo dos anseios humanos, desejos de alentos de vida, acontecidos após as visões lacerantes dos carnavais da morte.

A paz parece ser o sonho almejado que emerge do cansaço dos corpos após a batalha. Nos efêmeros tempos em que reina a paz, estamos repletos de imagens e relatos do efeito devastador da guerra, tentando persuadir os espíritos sedentos a demonstrar sua ferocidade e fortaleza, que no início da civitas humana nem tudo era força homicida sobre o *frater*. Digo isso pensando em duas cenas de nossa cultura, o fratricídio de Caim e a imagem do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço* (de Kubrick, baseado no livro de Arthur C. Clark), em que um hominídeo primata desfere um golpe fatal na cabeça do congênere vencido.

Parece que todas as narrativas de fundação de nossas culturas próximas estão cheias de histórias de guerra: a *Ilíada*, o *Cid Campeador*, nossas nascentes repúblicas americanas durante o século XVIII com suas guerras como sinal de independência. Não sei se adoramos a Revolução Francesa, e seus ecos libertários em vários espaços e tempos do nosso continente, pelo estabelecimento de um

Estado de direito e de justiça social ou pela sede de histórias que nos mostrem o valente ardor das almas de nossos heróis da independência. Adoramos aqueles que portaram armas, mas sabemos menos sobre aqueles que instituíram as ordens legais que permitiram certos momentos de paz.

Será que no início era a guerra? Será que a paz é o sonho de um futuro ilusório em meio aos efeitos devastadores da guerra?

2.

Totem e Tabu, essa mitologia fundacional da cultura do ponto de vista psicanalítico, é uma história onde o parricídio é colocado na origem da ação civilizatória. Matar o pai todo-poderoso, incestuoso e tirânico é a base para estabelecer um pacto fraterno, onde ele seja lembrado e honrado por intermédio do totem. Entre outras coisas, paz e pacto têm uma raiz comum. Fazer a paz é fazer um pacto, o pacto de não agressão.

Nesse pacto, para continuar com o fio condutor do pensamento de Freud, sempre se abre mão de algo, sempre algo se perde. Na paz, ambos os lados perdem; na guerra, pelo menos um sai vitorioso. No pacto de paz há uma renúncia ao ímpeto da grandeza, aos desejos megalomaníacos do ego ou da etnia dominante. Renúncias que exigirão retornos em tempos posteriores.

Em relação ao texto freudiano, caberia uma reflexão adicional. Seria a ação bélica a consequência de uma posição fanática que pede a restauração da figura do pai único, como acontece nos credos religiosos monoteístas? Será que algo sobre o culto a um deus e a uma única verdade, que incide na constituição do fanatismo e da intolerância à diversidade, tem o efeito de destruir aquele outro que irradia lampejos de diferença? Será que uma visão de mundo baseada nessa ideia das múltiplas faces da verdade permitiria uma convivência mais pacífica entre grupos, povos ou vizinhos que possam aceitar a alteridade que o outro lhes reflete sem pretensões de extermínio?

Duvido tanto disso quanto da possibilidade de que o deus único e masculino decida descer do pedestal de onde se alimenta de sacrifícios humanos.

3.

O que me arrisco a destacar é que, diante do significante bélico em que os machos representam o vigor viril de sua existência, as fêmeas tiveram uma série de sortes sedutoras com as quais reverteram a produção massiva de homicídios que os bodes tendem a exhibir.

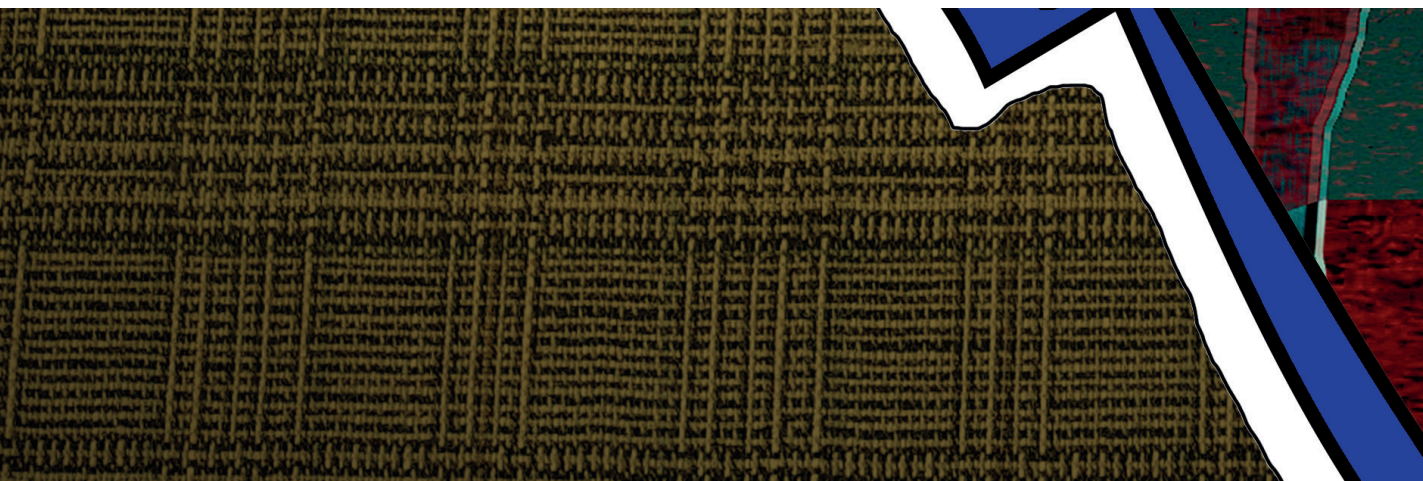
Em Lisístrata, Aristófanes nos conta como as mulheres, cansadas da ausência de

seus guerreiros, que pareciam mais excitados pelo sangue de outros homens do que pelo mel sexual de seus corpos, decidiram fazer uma greve de vaginas com o objetivo de trazer os machos belicosos à paz do lar. Enfasiadas com o fato de seus maridos e filhos continuarem na guerra, as mulheres se trancaram na acrópole controlando o tesouro de seu sexo (e o econômico), forçando assim os homens a deporem as armas para se renderem aos embates eróticos do amor.

Algo semelhante foi feito pelas mulheres sabinas, após seu sequestro pelos romanos. Anos depois, para vingar a afronta, os sabinos atacaram Roma e cercaram os sequestradores no capitólio. Antes da batalha final, as mulheres se interpuseram entre os dois lados e apresentaram-lhes a difícil situação que elas enfrentavam: se os sabinos vencessem, elas perderiam seus atuais maridos e filhos; se os romanos vencessem, elas perderiam seus pais e irmãos. Essas mulheres conseguiram fazer com que os dois reis, Tito e Rômulo, assinassem um pacto de paz, que durou até a morte do rei sabino.

Milênios depois, em ¹⁹⁶⁷, em meio aos muitos ressurgimentos da estupidez da guerra, um movimento de jovens de todo tipo de gênero e cor, no centro do império ocidental, não mais em silêncio, mas incitados pela algazarra erótica da vida, entoaram em um melódico e vociferante verão do amor *All you need is love*, como uma resposta sedutora ao chamado letal da desoladora Belona. Uma erótica paz que, paulatinamente, morrerá nos braços de Tântatos

* *Psicanalista. Membro da Sociedade Colombiana de Psicanálise (Socolpsi). Mestre em Comunicação e Cultura (Universidad Javeriana). Ex-Presidente da Socolpsi (2012-2014). Ex-Presidente da Fepal (2014-2016).*



Conversações



Marcelo Viñar, Médico, Psicanalista.
Membro Honorário da APU,
Ex-Presidente da FEPAL.
Autor de vários artigos e livros.

Entrevista com Marcelo Viñar

Por **Ximena Méndez***

Na cidade de Montevideu, na região sul da América Latina, encontramos Marcelo Viñar e o convidamos a refletir sobre a paz. ([Clique aqui para assistir ao vídeo](#)).

Em tempos em que o outro é visto como inimigo, como podemos pensar em um outro que sustenta, um outro diferente com quem dialogar?

Marcelo propõe tratar o outro diferente como diferente, buscando o diálogo, para que, entre palavras, tudo aconteça sem que nada aconteça, uma diferença substancial com as explosões de violência que destroem tudo e todos, causando o colapso.

Nós, psicanalistas latino-americanos, estamos envolvidos em nossa história, desde a fundação dos novos povos, desde a conquista. Diante de um mundo que nos deixou impotentes frente às imagens da morte, do fanatismo, da intolerância e dos caprichos do poder, Marcelo nos convida a fazer entre palavras, e a continuar pensando a Psicanálise no terceiro milênio.

* Analista em formação na Associação Psicanalítica do Uruguai (APU). Membro da Equipe de Publicações da FEPAL.

Marcadores de Calibán

Paz

Por **Silvana Rea***

Em 1932, talvez esperançoso com a recém instaurada Liga das Nações, Einstein pergunta a Freud (1933/2020) se existiria alguma forma de liberar a Humanidade da ameaça da guerra e conquistar uma paz duradoura.

Décadas antes, em 1913 Freud (1913/2012) afirmara que a vida em sociedade seria organizada a partir do assassinato do pai e da culpa decorrente deste ato, que garantiria a segurança e a manutenção do processo civilizatório através de um contrato social. A renúncia pulsional seria a origem da sociedade, de suas leis e a garantia do Estado civilizado.

Dois anos depois, na vigência da Primeira Guerra Mundial, Freud (1915/2020) passaria a desconfiar da eficácia da culpabilidade diante da força do conflito bélico, que desnuda a precariedade das normas morais coletivas e traz à tona a busca por satisfação incontestada. Neste contexto, o Estado, funciona como o pai primevo, suspendendo os mecanismos institucionais que até então sustentavam a paz e incitando à barbárie em vez de interditá-la.

E se em 1921 Freud (1921/2011) afirmara que o desenvolvimento psíquico-cultural dos líderes seria um caminho para a paz, em 1933 ele responde a Einstein que a solução violenta de conflitos não desapareceria mesmo em uma coletividade desenvolvida, posto que os confrontos entre pulsão de vida e de morte deixam um resto que interfere nos registros psíquico e social, e que colocam em risco até a força da autoridade mantenedora da paz (atualmente a Organização das Nações Unidas).

Nesse sentido, qual seria a perspectiva de uma paz duradoura para a Humanidade?

Estas questões serão abordadas em "Testemunho" por Yolanda Gampel, Daniel Delouya e Shifa Haq. Também foram abordadas em outros números, por isso, aproveitamos para compartilhar alguns marcadores de leitura:

Calibán Margens Vol. 13(2)

- Gladis Mabel Tripceвич. *Videla ou a liberdade em um ditador.*

Calibán O que não se sabe Vol. 14 (2)

- Edmundo Gómez Mango. *O terror político e a sessão analítica.*
- Margareta Hargitay. *O espaço analítico como refúgio para a dupla analítica ante a violência urbana.*
- Richard Reichbart. *Turbulências nos EUA: o efeito Trump.*

Calibán Intimidade Vol. 15(1)

Néstor Carlisky, Rubén Zukerfeld e outros. *Efeitos reparatórios dos julgamentos de terrorismo de Estado na Argentina.*

Calibán Mal Vol. 15 (2)

Marcelo Viñar. *Terror político e exílio-desexílio (suas marcas subjetivas).*

Luis Campalans. *Notas sobre psicanálise e humanismo.*

Luis Campalans. *As mães da Praça de Maio: mais além do princípio do prazer.*

Calibán Poder Vol. 16 (2)

Laura Verissimo. *É tempo agora de vozes entre vozes apoiadas.*

Calibán Feminix Vol. 17 (1)

Claudia Andujar. *Fugindo da Segunda Guerra Mundial: da Hungria aos Yanomamis.*

Calibán Paixão Vol. 17 (2)

Ezequiel Ipar. *Discursos de ódio e mercado da crueldade.*

Calibán O efêmero Vol. 18 (2)

- Vladimir Safatle. *Mais além da necropolítica*.
- Camila Jourdan. 2020. *Distopia, necropolítica e revolta*.

Calibán Como faremos para viver juntos Vol. 20 (1)

- Heli Morales. *Violência a céu aberto: feminicídio e crueldade*.
- Maurice Corcos. *Até onde vamos?*
- Alberto C. Cabral. *O perdão e seus limites em uma época de transbordamentos*.

* *Psicanalista. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*

Referências

- Freud, S. (1913/2012) "Totem e tabu" in *Sigmund Freud obras completas* Vol. 11. São Paulo: Companhia das letras.
- ____ (1915/2020) "Considerações contemporâneas sobre guerra e morte" in *O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- ____ (1921/2011). "Psicologia das massas e análise do eu" in *Sigmund Freud obras completas* Vol. 15. São Paulo: Companhia das letras.
- ____ (1933/ 2020). "Por que a guerra" in *O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.



William Kentridge, Head, 1991